



CIARI – Centro de Investigação e Análise em Relações Internacionais

www.ciari.org

OS MORTOS QUE CAMINHAM NO DESERTO

Autor: Inácio Valentim

Darfur é hoje o exemplo de como se pode viver estando morto. O exemplo de como se pode ver a vida passar sem que se tenha noção de que ela existe para além do instante que é dado pelo presente. Os cantos fúnebres que acompanham cada manhã, cada tarde e cada noite, são a companhia mais segura de quem ainda acredita que estar vivo é também poder caminhar no deserto do sofrimento e poder falar consigo mesmo.

A linguagem de solidão e de abandono parece ser a expressão que ninguém mais no mundo do pós Auschwitz-Berkenau, Ruanda e Balcãs poderá compreender melhor que os habitantes das terras que a política e a religião marginalizaram. Estas almas que à imagem do pastor vivem sugando as lágrimas do vento e o cheiro mórbido daqueles com quem outrora partilharam o pão e a água; o costume e a tradição; o comércio e a ganância de ser o que não são.

Darfur é também o centro de afirmação da supremacia do efeito biombo, onde a política dita as suas prioridades e onde as pessoas morrem, não porque são africanas como alguns nos querem vender, mas porque África vetou a verdade sobre o seu próprio destino. Darfur é, na linguagem de Hannah Arendt, o sítio onde não há motivos para que a política exista, já que não existe interesse em facultar uma vida boa aos cidadãos. Darfur é o escândalo dos tempos

modernos, não um escândalo para o mundo não africano, mas para os africanos que demonstram assim a incapacidade de gerir o destino que reclamaram. Darfur é o lugar onde a palavra liberdade não tem sentido diante da violência, da fome e da miséria humilhante para tudo o que se refere à dignidade da natureza humana. Toda a liberdade que permite as moscas transformarem a boca, o nariz, o corpo das crianças e dos adultos num lugar propício para procriação, não é liberdade, mas uma distorção da liberdade e é uma violência contra aqueles que querem ver informações sem engolir tristezas macabras de desumanos.

Darfur não é sinónimo de como a ignorância pode ceifar a vida, pois o homem não precisa de Filosofia ou de Teologia para saber a diferença entre o Bem e Mal. Darfur é simplesmente a descrição da maldade humana como uma obra de arte negativa por excelência. Não são pessoas que morrem naquelas terras secas, são animais que alguns se convencionaram em tratar por homens.

Darfur é uma espécie de bacia do mal africano, onde todas as águas vão parar. Ele reflecte as catástrofes da RDC, do Chade, do Níger, da Somália, da Etiópia, da Suazilândia e da violenta Nigéria religiosa. Darfur representa a destruição do Poder pela Força sem que a Força consiga substituir o Poder e espelha também a imagem de como não se pode gerar riqueza sem explorar alguém. Ele é o espelho de como não se pode esperar ser valorizado no isolamento, uma vez que todo o isolamento implica renúncia. Hoje, a linguagem que deve ser utilizada em África, não pode ser aquela de outrora veiculada por ideólogos como Fransfano, Mobuto... A África de hoje tem que dar mãos à palmatória e retomar a grande parte dos ideais da negritude de Sengor, numa simbologia onde o homem africano poderá cantar ao mesmo tempo que proporciona o pensamento para o seu próprio desenvolvimento. A imagem que a África oferece ao mundo a partir de Darfur, é a imagem de um continente resignado sem amor-próprio e com um ethos em decomposição. Darfur oferece

exactamente os cenários políticos, militares e sociais relatados pelos filmes, "Hotel Ruanda", "O Fiel Jardineiro", "Diamantes de Sangue" e "O último Rei da Escócia". Darfur cobre negativamente as proezas eleitorais que a África conheceu nestes últimos tempos, de Senegal passando por Mauritânia, Nigéria, Mali e Burkina, pois os países democráticos não podem pactuar com gente que vive só para matar.

Num desabafo amargo, Marcur, o Sultão dos Dinca, confessou a uma revista estrangeira o seguinte:

Em cada hora que passa há vidas que já não são. Muitas aldeias já deixaram de existir.

Agora já não há nem longe nem perto: os Janjavid moram ao nosso lado. Violam as nossas mulheres e filhas. Roubam o nosso gado.

Estes trechos são testemunhas da expressão colossal das melodias fúnebres, a descrição pincelada do ambiente do estado da natureza hobesiana por excelência, o medo constante da morte violenta. Darfur é por isso o espelho da África que se quer morta por incompetência. Darfur contraria também as palavras de Teodoro Adorno, que perante a desumanidade cometida contra os judeus, escreveu lacrimosamente, que depois de Auwschwitz, nunca mais se poderia escrever poemas. Em Darfur, ainda se escreve poemas fúnebres com a tonalidade de superioridade da raça e da religião, exactamente como aconteceu em Auwschwitz-Berkenau há mais de sessenta anos. A literatura e a teologia do sofrimento conhecem bem a imagem daquela criança polaca que no meio dos escombros da destruição da segunda grande guerra mundial disse: Tenho fome, tenho frio; *quando eu for grande quero ser alemão para não ter nem fome nem frio*. As crianças de Darfur certamente dirão: *Quando formos grandes queremos ser Árabes*.